

FRUTICULTURA PARAENSE: DESAFIOS E OPORTUNIDADES

Alfredo Kingo Oyama Homma¹ e Dilson Augusto Capucho Frazão²



A preocupação mundial pela preservação da Amazônia teve como saldo positivo a exposição da mídia para diversas frutas regionais, que beneficiaram o consumo do açaí, cupuaçu, pupunha e bacuri. Essas frutas, que até a década de 1980 eram de consumo essencialmente regional, ganharam dimensão nacional e internacional e outros produtos já conhecidos, como a laranja, banana, abacaxi, coqueiro e maracujá, passaram a ser produzidos em larga escala no Pará, ocupando posição de destaque nacional. Isto sem falar das frutas asiáticas como mangostão e rambutã, também produzidas e exportadas para o Centro-Sul do País.

A expansão do cultivo da laranja no eixo Capitão Poço-Ourém-Irituia a partir da segunda metade da década de 1970 retirou o Pará da dependência absoluta de importações de laranja de São Paulo pela metade. O sucesso do cultivo do abacaxi, inicialmente em Salvaterra, levou, no final da década de 1980 à auto-suficiência estadual das importações da Paraíba e, com os plantios em Floresta do Araguaia, a posição de terceira produtora nacional.

A crise dos pimentais na década de 1970, com a disseminação do Fusarium, promoveu a introdução do cultivo do mamão hawái, trazido por Akihiro Shironihara, pastor da Igreja Tenrikyo, desenvolvido pela Universidade do Hawái, de consumo individual, que substituiu os grandes mamões, até então dominantes. Outra cultura, introduzida também pelos japoneses, foi o cultivo do melão que, junto com o mamão hawái passaram a ser cultivados nas áreas antes do plantio da pimenta-do-reino e, quando estas sucumbiam pela doença, aproveitando-se as estações para o plantio do maracujá.

A concorrência dos plantios de melão do Nordeste e de mamão do Espírito Santo, muito mais próximos do mercado consumidor, terminaram levando à perda da competitividade da produção paraense, que ficou restrita ao consumo local, a partir da década de 1980. Este mesmo fenômeno repetiu-se com o cultivo de acerola, iniciado na década de 1990, que tinha sido introduzido em 1958, trazida de Porto Rico, pela Profa. Maria Celene Cardoso de Almeida, da Universidade Federal Rural de Pernambuco, que passaram a sofrer a concorrência de grandes plantios do Nordeste.

Com a entrada da vassoura-da-bruxa nos cacauais da Bahia em 1989, ganhou importância mais de 110 mil hectares plantados com essa cultura no Estado do Pará e em Rondônia, sendo a segunda cultura perene com maior área plantada e maior integrante nos sistemas agroflorestais.

A produção de cupuaçu, restrita à coleta extrativa e de fundo de quintal, teve seus primeiros plantios realizados no final da década de 1970 na colônia de Tomé-Açu. Atualmente, existem 30 mil hectares de cupuaçuzeiros plantados no Pará, Rondônia, Amazonas e Acre. A inauguração da fábrica de beneficiamento de polpa de frutas em Tomé-Açu, em 1991, pode ser considerada como o início da agroindústria de frutas na Amazônia, evitando-se a venda de frutas in natura, dando novo enfoque para o aproveitamento do cupuaçu, açaí, maracujá e outras frutas. Surpresas ocorreram com a pupunheira, que de 15 mil hectares plantados no país, metade está localizada no vale da Ribeira em São Paulo, um quarto na Bahia e apenas 10% na Amazônia. A expansão são dinâmicas que estão ocorrendo na fruticultura paraense.

Nessa competição, o açaí parece ter despertado maior simpatia dos consumidores fora da Amazônia, com exportações paraenses superando 25 milhões de dólares, a expansão das áreas manejadas, dos plantios em terra firme com irrigação e a implantação de unidades de beneficiamento dessa fruta. A polpa de açaí passou a ser consumido no país inteiro e exportado para diversos países desenvolvidos. Com isso provocou o aumento dos preços sem precedentes para os consumidores locais, implicando a necessidade de maiores plantios.

Potencial das frutas amazônicas

As características peculiares de dezenas de frutas amazônicas, cujo aroma, gosto, cor, formato, nomes indígenas, etc., afetando os cinco sentidos da percepção humana, tem despertado a curiosidade dos novos consumidores e, em muitos casos, atribuindo propriedades medicinais e gerátricas. Outro fator positivo é o sentido da

Natureza que as frutas da Amazônia parecem incorporar, dando idéia de vigor, pureza, força, entre outros. Novas opções do uso das frutas amazônicas na indústria de doces, bombons, cosméticos e fármacos, que já estão sendo utilizados, delineiam perspectivas bastante amplas para o setor.

O Brasil importa um terço do cacau consumido, implicando evasão de divisas de mais de 160 milhões de dólares anuais. O cacaueiro seria uma excelente alternativa para os Estados do Pará e Rondônia, podendo dobrar a atual área plantada, como opção para a agricultura familiar.

A produção mundial de castanha-do-pará vem se mantendo constante em 60 mil toneladas desde a década de 1960, sendo que a partir de 2000 ocorreu a perda da hegemonia brasileira com relação à Bolívia. Há necessidade de plantar pelo menos 100 mil hectares de castanheiras, para um produto com ampla aceitação no mercado nacional e internacional.

A elevação dos preços da polpa de açaí, de R\$ 1,50/litro no início do Plano Real, em 1996, atingindo patamares de até R\$ 24,00/litro, um aumento de 1.600%, indica a necessidade de plantarmos no mínimo 50 mil hectares dessa palmeira.

A transformação do guaraná em um novo produto universal, onde o nome Amazônia se confunde com o próprio produto, pode implicar em grande aumento de demanda nos anos futuros. Lamentavelmente, o Estado da Bahia é o maior produtor nacional. Novas frutas da biodiversidade, como o cubiu, estão sendo cultivados em Presidente Figueiredo, no Estado do Amazonas, e exportado para os Estados Unidos, como fonte de pectina.

A inclusão do açaí, cupuaçu, bacuri e da pupunha na gastronomia também é visível em dezenas de receitas elaboradas pelos mais famosos chefs da culinária regional e nacional, que muito se deve a iniciativa do chef-de-cuisine Paulo Martins (1946-2010). Estes aspectos chamam a

¹Eng. Agr., D.Sc., Pesquisador da Embrapa Amazônia Oriental, e-mail: homma@cpau.embrapa.br

²Eng. Agr., D.Sc., Assessor Técnico da Federação da Agricultura e Pecuária do Pará - FAEPA, e-mail: dfrazao@gmail.com

atenção para novos desafios da fruticultura regional que precisam sair do amadorismo e encarar grandes investimentos em tecnologia de beneficiamento e plantio, desenvolvimento de novos produtos, na gerência e marketing, descobrir novos mercados, distribuição no varejo, treinamento de mão-de-obra e na preservação ambiental.

A fruticultura na Amazônia pode contribuir para o seu desenvolvimento mais sustentável ocupando as áreas desmatadas e recuperando Áreas de Preservação Permanente e Áreas de Reserva Legal e na implementação do Programa Municípios Verdes. A existência de grandes extensões de áreas desmatadas na Amazônia, equivalente à superfície dos Estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná, no qual a utilização de uma fração dessa área, face à abundância de água e de luz solar, colocam a fruticultura amazônica como uma das grandes opções regionais e para o País. A proximidade da Amazônia com os

livro de Paulo Bezerra Cavalcante (1922-2006), cerca de 50% são nativas, indicando a necessidade de encetar um grande esforço de pesquisa visando a sua domesticação de novas frutas potenciais pelas instituições de pesquisas regionais, criando novas alternativas de produção. Há necessidade de estabelecer metas concretas de domesticação e repartição de tarefas entre as instituições de pesquisa, bem como a necessidade de proteção de espécies da flora amazônica.

No campo da pesquisa agrícola, maciços investimentos precisam ser canalizados para programas de melhoramento genético para o açaizeiro, cupuaçuzeiro, bacurizeiro, uxizeiro, tucumanzeiro, camu-camu; controle de pragas e doenças (vassoura-de-bruxa, etc.), tratamentos culturais, entre os principais. Maiores investimentos para a extensão rural, pesquisa agrícola e treinamento de produtores constituem algumas das limitações que precisam ser revertidas para o desen-

A legislação trabalhista está fazendo com que as médias e grandes empresas procurem as atividades mais intensivas em capital. Como a fruticultura é altamente intensiva em mão-de-obra torna-se um nicho adequado para a agricultura familiar integrada com as empresas de beneficiamento de polpa e de sucos. A consolidação de empresas nacionais no setor de beneficiamento de frutas é importante, caso contrário estar-se-á assistindo a repetição do modelo extrativista da borracha vegetal do século passado. Reduzir a insegurança fundiária na Amazônia é primordial para atrair investimentos produtivos para o setor. A expansão dos dendezeiros deve provocar a reorganização do espaço da fruticultura e na competição por mão-de-obra, exigindo a criação de novos pólos de produção no Estado do Pará. A oferta de maracujá que sempre esteve associada com a produção de pimenta-do-reino decorrente do aproveitamento de estacões e do efeito residual das



As restrições ambientais com relação ao uso de estacões para pimenta-do-reino deve induzir o uso de tutores vivos, com isso pode afetar a oferta de maracujá.



O aproveitamento de rebrotamento de bacurizeiros pode ser uma alternativa de gerar renda e recuperação de Áreas de Reserva Legal e Áreas de Preservação Permanente.



A castanheira representa outro produto da biodiversidade amazônica com ampla perspectiva de mercado nacional e externo.

mercados europeus, americano e do Caribe, constitui outra razão para o desenvolvimento da fruticultura na região.

Os desafios da fruticultura paraense

Muitas das frutas amazônicas ainda dependem de oferta extrativa, por exemplo, como a castanha-do-pará, açaí e bacuri, e o crescimento do mercado exige ampliação da produção em bases racionais. A castanha-do-pará, que vem sendo exportada desde a década de 1920 sofreu grande devastação com o avanço da fronteira agrícola perdendo a primazia com a Bolívia. Deve-se salientar que dezenas de frutas amazônicas são "invisíveis", onde sequer são contabilizadas nas estatísticas oficiais.

Das 176 frutas mencionadas no clássico

volvimento da fruticultura paraense.

A região amazônica tem sido a porta de entrada de diversas pragas e doenças que atacam as fruteiras, tais como a sigatoka-amarela em 1944, da mosca-da-carambola em 1996, da sigatoka-negra em 1998 e da mosca-negra dos citros em 2000. Estes eventos negativos induzem a necessidade de monitorar a região amazônica na detecção e controle, sob risco de prejudicar a fruticultura nacional.

Outro desafio diz respeito à qualidade e a higiene, assegurado por um rígido controle, para benefício coletivo, uma legislação para a polpa de açaí, sob risco de perda de mercado futuro. As agroindústrias não podem pecar pela improvisação como ocorreu com a Amafrutas e de outras agroindústrias financiadas com recursos externos.

adubações, torna-se inviável do ponto de vista ambiental. As grandes obras em andamento e planejadas no Pará (eclusas do Tucuruí, hidrelétrica de Belo Monte, Ferrovia Norte-Sul, Porto de Espadarte, etc.) e a forte urbanização, tendem a criar novos vetores de força, no qual os empresários ligados à fruticultura precisam estar atentos. Ao longo dos séculos assistimos a contínua transferência de recursos da biodiversidade local e introduzida: cacaueiro, chincho-na, seringueira, guaranazeiro, pupunheira, cupuaçuzeiro, jambu, mamão, melão, com perda de renda e geração de empregos. Precisamos reverter essa situação, transformando a Amazônia, e consequentemente o Estado do Pará, em grande centro produtor das frutas da biodiversidade regional.